

Devir - Mulher: A construção sensível do feminino

To Become - Woman: The sensitive construction of the feminine

Magda Medianeira de Mello

Cátia Luana Alves Soares

Centro Universitário Cenecista de Osório/ RS

Rua Independência, 181/802, Centro, 93010-001, São Leopoldo, RS, Brasil

magdamello23@gmail.com

clsoares@yahoo.com.br

Resumo: O presente estudo tem por objetivo abordar o processo de construção da identidade feminina no desenvolvimento da menina até se tornar mulher. Assim, buscou-se analisar as repercussões da sexualidade feminina, apontando as contribuições e impasses freudianos com o intuito de enriquecer as reflexões e colaborar para o entendimento do “tornar-se mulher”. O estudo foi elaborado no modelo de pesquisa exploratória de cunho qualitativo, através de uma revisão de literatura. Ao atravessar pelos conceitos freudianos, esboçou-se a obra de Sabina Spielrein, psicanalista e contemporânea de Sigmund Freud, que trouxe um olhar sensível sobre o feminino baseado em observações aos impasses teóricos sobre o tema. A autora teve sua obra recalcada por décadas, sendo relegada a notas de rodapé. Sabina desenvolveu uma produção rica e explorou de forma criativa os conceitos freudianos para elaborar suas conclusões. Aliada às observações de Sabina Spielrein, procura-se também apontar algumas perspectivas contemporâneas sobre o tema. Identifica-se que Sabina soube explorar o tema com maestria, subsidiada por sua autoria e vivência da feminilidade, como poucos na história da psicanálise de seu tempo. Conclui-se que os impasses referidos por Sigmund Freud sobre a feminilidade, na verdade, referem-se à subjetividade humana. Portanto, feminilidade é inerente ao ser humano e não apenas ao ser feminino.

Palavras-chaves: Feminilidade; Freud; Spielrein.

Abstract: The present study aims to address how to construct a feminine identity of the girl's development until she becomes a woman. Thereby, we sought to analyze the repercussions of female sexuality, pointing to Freudian impasses and impasses in order to enrich the reflections and collaborate in the understanding of "becoming a woman". The study was elaborated in the qualitative exploratory research model, through a literature review. In going through the Freudian concepts, the work of Sabina Spielrein, psychoanalyst and contemporary of Sigmund Freud, was sketched, who brought a sensitive look on the feminine based on observations to the theoretical impasses on the subject. The author has had her work repressed for decades, being relegated to footnotes Sabina developed a rich production and creatively explored the Freudian concepts to draw up her conclusions. Along with the observations of Sabina Spielrein, it is also tried to point out some contemporary perspectives on the subject. It is identified that Sabina masterfully exploited

through her authorship and experience of femininity as few in the history of the psychoanalysis of her time. It is concluded that the impasses referred by Sigmund Freud on femininity, in fact, refer to human subjectivity. Therefore, femininity is inherent to the human being and not just to the feminine being.

Key-words: Femininity; Freud; Spielrein.

Introdução

O estudo intitulado “Devir - Mulher: a construção sensível do feminino - uma revisão de literatura” tem como propósito investigar a construção da sexualidade feminina. Busca-se refletir a experiência do feminino no processo de subjetivação da mulher a partir dos conceitos psicanalíticos clássicos.

Pretende-se conceitualizar e caracterizar a identificação feminina com intuito de contribuir com reflexões sobre a condição da mulher na sociedade moderna. Questões levantadas por Freud no início do século passado continuam em voga como, por exemplo, o papel social da mulher. Em sua obra, o autor equivale "masculino" a ativo e "feminino" a passivo, advertindo que podem ser influenciados pelo social. Assim, todos os seres humanos são ativos e passivos, inconscientemente. Trata-se da condição humana.

Como metodologia, será utilizada a pesquisa qualitativa de cunho exploratório, uma revisão assistemática da literatura. Este mergulho sobre a feminilidade traz um entendimento teórico delineado em dois momentos: no primeiro momento serão expostas as contribuições de Freud subdividas entre publicações de 1905 até 1920 e a partir de 1924. No segundo momento, serão expostas as contribuições de Sabina Spielrein e sua vivência como mulher no início do século passado.

A partir deste estudo pretende-se enriquecer as discussões sobre o tema e contribuir para o entendimento do “Devir – Mulher”.

Revisão histórica da construção da feminilidade na psicanálise

Para Freud (1932), desde a origem da Psicanálise, a mulher se constituía em um enigma a ser decifrado (Freud, 1932 – 2011). Seus conceitos sobre sexualidade infantil foram impactantes e inovadores, abrindo caminho para novas formulações sobre feminilidade a partir das noções sobre bissexualidade, ordem fálica, passando pelas diferenciações na constituição edípica, valorização da

fase pré-edípica na menina; até chegar à constatação de que a transformação da menina em mulher é um trabalho longo e complexo.

Até Freud publicar suas observações, a sexualidade humana era entendida por uma lógica biológica, uma sexologia, a qual entendia as funções sexuais como um propósito reprodutivo. A partir das postulações psicanalíticas sobre o tema, dissocia a sexualidade humana do registro anatômico, deslocando ao registro psíquico e a partir disso desenvolve suas hipóteses sustentadas na sexualidade infantil, o que chocou a sociedade na época (Almeida, 2012).

Desta forma, Freud constrói seus esboços fundamentados em duas concepções: entre 1905 a 1920 pensa a sexualidade feminina partindo do modelo masculino; e a partir de 1924, pensa a sexualidade feminina a partir de um devir feminino.

Paradigma Universal – Contribuições freudianas de 1905 a 1920

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) detalha a sexualidade infantil e apresenta o conceito de pulsão, distinguindo-a de instinto. Ao apresentar essa distinção, ele transfere a pulsão do domínio, puramente biológico, para uma representação psíquica. A pulsão sexual seria uma inquietude caracterizada como “libido”, que se instaura como parcial, calcando seu investimento nos mais diferentes objetos. Sendo dissociada da genitalidade, não tem a possibilidade de completude e simetria (Freud, 1905 - 2011).

Devido aos apelos a diferentes objetos, o autor postulou a sexualidade infantil como autoerótica e perversa poliforma devido ao fato de que a criança utiliza qualquer parte de seu corpo como objeto sexual em busca de prazer. Assim, o autor coloca o prazer como núcleo da problemática da sexualidade.

Mesmo com aspectos inovadores sobre a construção da sexualidade, Freud pensa na mulher a partir do modelo do homem. Assim em *Três Ensaio* desenha a sexualidade feminina paralelamente com a masculina, ressaltando três aspectos:

- Pela anatomia: feminino/clitóris com o masculino/pênis;
- Pela pulsão: de essência ativa e masculina, presente através da masturbação;
- Todos os seres humanos têm pênis: a menina terá um pênis pequenino, o clitóris.

Freud segue expondo uma essência passiva na menina de forma a conceber o comportamento ativo nas meninas como sinais de masculinidade. Portanto, uma energia sexual ativa tem um caráter qualitativo masculino (Freud, 1905 - 2011).

No texto *A Organização Genital Infantil* (1923), o autor acima citado registra o Complexo de Édipo como aspecto fundamental e organizador no período sexual da primeira infância. Nesse processo, a criança assume uma posição masculina ou feminina ao final de uma série de investimentos libidinais e identificatórios com os adultos que cumprem o papel de casal parental (Freud, 1923 - 2011). No texto citado aponta esse estado de coisas apenas no que afeta a criança do sexo masculino. Ao descrever a fase fálica na criança, admitiu desconhecer os processos na menina:

A característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos. (Freud, 1923 - 2011, p. 152).

Em *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924) o autor evidencia o percurso diferente tomado pelo desenvolvimento da sexualidade entre meninos e meninas. Para o menino, a destruição da organização fálica infantil se dá sob a ameaça de castração, uma vez que vive num conflito entre seus desejos libidinosos dirigidos à mãe e o interesse narcísico dirigido a seu próprio pênis (Freud, 1924 - 2011). A princípio, o menino fica descrente à ameaça recebida, só mais adiante, quando pela primeira vez observa os genitais femininos, é que sua descrença cai por terra. Assim, no menino, o complexo de castração o faz abandonar os desejos edípicos:

Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo. (Freud, 1924 - 2011, p.182).

E na menina, o complexo de castração ocorre através da visão do pênis do irmão (ou do companheiro de brincar) que é maior que o seu clitóris, causando um sentimento de inferioridade e, decorrente disso, a inveja do pênis. Para compensar essa falta, desperta na menina o desejo de ter um filho do pai, o que substituirá a inveja do pênis. Diante dessa impossibilidade, ela abandona o complexo de Édipo gradativamente (Freud, 1924 - 2011).

Feminino como um Devir – Construções Freudianas a partir de 1924

No texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud faz uma reavaliação de suas opiniões sobre o desenvolvimento psicológico das mulheres. Percebe que o complexo de Édipo não é um caminho paralelo entre meninos e meninas, ou seja, são desfechos diferentes. Até então, a vida sexual das mulheres encontrava-se mergulhada numa

impenetrável obscuridade, o que o levou a considerar a construção da analogia anterior (Freud, 1925 - 2011).

A saber, o Complexo de Édipo nos meninos pertence à fase fálica e sua destruição ou sepultamento são oriundos do temor à castração, razão pela qual o menino se identifica com o pai e não apresenta nenhum sentimento de rivalidade em relação à mãe. Ainda nesse estágio, surge, no menino, uma atividade masturbatória vinculada aos órgãos genitais, cujo recalçamento coloca em ação o complexo de castração (Freud, 1925 - 2011).

Nas meninas, o complexo de Édipo levanta uma questão a mais que nos meninos: em ambos os sexos a mãe é originalmente o objeto de investimento amoroso. No entanto, a menina, por decepção com a progenitora, abandona-a, passado ao pai seu novo investimento enquanto objeto de amor. Para desvendar esse abandono, Freud investe suas observações sobre a pré-história da relação edípica nas meninas e afirma que o Complexo de Édipo constitui uma formação secundária nesse processo identificatório vida a fora. (Freud, 1925 - 2011).

Seguindo as investigações sobre a inveja do pênis, Freud afirma que, caso a menina não possa subverter de forma reativa o complexo de masculinidade, poderá acarretar várias consequências psíquicas, entre elas, converter-se num traço característico de ciúme ou um persistente sentimento de inferioridade quando mulher. Outra implicação seria um afastamento amoroso da mãe, pois a considera responsável por colocá-la no mundo de forma tão “insuficientemente aparelhada” (Freud, 1925 - 2011). E um dos mais significativos efeitos da inveja do pênis, o abandono da masturbação clitoridiana (apontado como atividade viril), constitui condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade. Assim, o reconhecimento da diferença sexual obriga a menina a renunciar à masculinidade e dirigir-se à feminilidade, em função de “seu sentimento narcísico de inferioridade ligado à inveja do pênis” (Freud, 1925 - 2011, p.263).

Neste momento, a libido da menina desliza da posição “pênis” para a posição “bebê”. Ao abandonar o desejo de ter um pênis, passa a desejar um filho, tomando o pai como objeto amoroso e a mãe como objeto de seu ciúme. Como consequência, a menina se estrutura para ser uma mulher (Freud, 1925 - 2011).

O autor afirma que, na menina, o Complexo de Édipo é uma formação secundária, elaborado pelas operações que antecedem o complexo de castração. Freud alega existir uma diferença essencial entre os dois sexos, associados aos complexos de Édipo e de castração: “enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (Freud, 1925 - 2011, p. 266).

Essa diferença ilustra que, nos dois casos, o complexo de castração inibe, assim como limita a masculinidade e instiga a feminilidade. Ou seja, a diferença entre o complexo de castração em ambos os sexos deve-se às diferenças anatômicas. A menina, sendo anatomicamente castrada, não teme a castração, enquanto o menino teme, pois lhe aparece como uma ameaça. (Freud, 1925 - 2011). Sobre os percursos trilhados, ambos os sexos para a saída do Édipo, nesse texto Freud afirma que,

Nos meninos, o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego. Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro. (Freud, 1925 - 2011, p. 266 - 267).

Porém, em relação às meninas, ele afirma faltar o motivo para a demolição do complexo de Édipo, já que a castração lhe forçou a entrada nele: “[...] esse complexo foge ao destino que encontra-se nos meninos: ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres” (Freud, 1925 - 2011, p. 267).

Já no texto *Sobre Sexualidade Feminina* (1931), são anunciadas novas descobertas, que dão ênfase à longa e intensa duração da ligação pré-edípica da menina à mãe. Valorizando a fase pré-edípica, amplia as possibilidades em suas investigações quanto a novos desfechos sobre a sexualidade feminina. Freud ressalta a contribuição importante que as psicanalistas mulheres deram a suas novas formulações (Freud, 1931 - 2011).

Neste texto, Freud admite que a fase pré-edípica na mulher possui maior influência do que havia observado anteriormente e aponta a necessidade de ser repensada a universalidade do Édipo. Afirma que a fase de ligação pré-edípica é decisiva para o futuro de uma mulher, uma vez que durante essa fase são realizados os preparativos para a aquisição das características com as quais, mais tarde, exercerá seu papel na função sexual e realizará notáveis tarefas sociais (Freud, 1931 - 2011).

Como se daria esse tornar-se mulher? Conforme já citado, ao contrário do menino, que na fase fálica encontra-se em uma posição edípica, na menina é a castração que a conduzirá ao complexo de Édipo. Ela reconhece-se castrada e, diante deste fato, a superioridade do menino e sua própria inferioridade. Esse tornar-se mulher, enquanto desfecho do Édipo feminino diante da castração, apresenta-se como um processo complexo para a menina, que se rebela contra esse estado

de coisas indesejáveis. Diante dessa situação conflituosa e de acordo com o modo pelo qual a menina interpreta sua castração, restam-lhe três saídas prováveis do complexo de Édipo: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal (Freud, 1931 - 2011).

A primeira saída, frigidez e inibição: a mulher torna-se frígida e inibida ao perceber a diferença entre o clitóris e o pênis. Essa comparação a faz sentir-se inferior e abandonar a masculinidade, renunciando a atividade fálico-clitoridiana. Esta inibição sexual estende-se a outros campos (Freud, 1931 - 2011).

A segunda saída é o complexo de masculinidade: ao sentir sua masculinidade ameaçada, toma uma postura desafiadora, a qual pode resultar em uma escolha homossexual devido à crença de obter um pênis (Freud, 1931 - 2011).

A terceira saída é tornar-se mulher pela maternidade e pela passividade: essa alternativa possibilita encontrar o caminho da feminilidade definitiva pela substituição de seu desejo masculino, de ter um pênis como o do pai, por um desejo feminino de maternidade (ter um filho do pai) e pela substituição do gozo ativo masculino do clitóris pelo gozo passivo da vagina (Freud, 1931 - 2011).

Desse modo, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado de um desenvolvimento demorado. Ainda nesse artigo, Freud questiona: “o que é que a menina exige da mãe? Qual é a natureza de seus objetivos sexuais durante a época da ligação exclusiva à mãe?” (Freud, 1931 - 2011, p. 204).

Há uma dualidade no seu comportamento em relação à mãe, devido ao fato de a mesma ser o primeiro objeto de sedução na vida da criança por praticar os cuidados corporais. Dessa forma, a criança é passiva diante do toque da mãe e, enquanto uma parte de sua libido continua presa a essas experiências, desfrutando das satisfações a elas relacionadas, a outra se manifesta de modo ativo. A criança tende a repetir suas experiências passivas na forma ativa, no brincar, transformando a mãe em objeto, comportando-se como sujeito ativo. Observa-se, ainda, que a atividade sexual bastante surpreendente de meninas em relação à mãe manifesta-se cronologicamente em inclinações orais, sádicas e, por fim, até fálicas, dirigidas no sentido desta (Freud, 1931 - 2011).

E por fim, no texto *Feminilidade* (1932), Freud discute a questão da bissexualidade ao considerar que, anatomicamente, um sujeito não é completamente macho ou fêmea, somente os produtos sexuais são distintos. “O produto sexual masculino, o espermatozóide, e seu veículo são masculinos; o óvulo e o organismo que o abriga são femininos” (Freud, 1932 - 2011, p. 207). Parte do princípio de que algumas partes do aparelho sexual masculino aparecem no corpo da mulher,

assim como partes do aparelho sexual feminino aparecem no corpo do homem, se misturando no indivíduo, sujeitando-o a flutuações amplas (Freud, 1932 - 2011).

A influência dos costumes sociais que forçam a mulher a reprimir seus impulsos agressivos não deve ser subestimada, pois favorecem impulsos masoquistas. É um erro a passividade ser associada à mulher e a atividade associada ao homem. Os impulsos masoquistas são culturalmente considerados femininos. “Se os senhores encontram masoquismo em homens, que lhes resta senão dizer que tais homens mostram traços femininos muito evidentes? ” (Freud, 1932 – 2011, p. 208).

O autor afirma, neste texto, que a psicologia é incapaz de esclarecer o enigma da feminilidade e aponta que a psicanálise se empenha em indagar sobre tal construção. Ao focar nos caminhos da constituição da feminilidade, vista em artigos anteriormente, expõe um material que trata da mulher adulta. (Freud, 1932 - 2011). Com esse enfoque ressalta a parcial dissolução do complexo Edípico na mulher e o consequente prejuízo obtido nesse processo para a formação de seu superego (Freud, 1932 – 2011).

Constata-se que ele faz uma leitura da feminilidade que ultrapassa a diferença entre os sexos. Seu percurso, neste tema, mostra um vínculo entre o processo de sexuação feminina e a cultura. Coloca a mulher em um movimento constante, ou seja, considera a formação da feminilidade como um processo em devir (Freud, 1932 - 2011). Ainda nesta obra, a qual diz respeito às peculiaridades psíquicas da feminilidade madura, Freud acrescenta alguns esclarecimentos, entre os quais acentua que o desenvolvimento da feminilidade permanece exposto a perturbações motivadas pelos fenômenos residuais do período masculino inicial, ocorrendo regressões às fixações das fases pré-edípicas com frequência (Freud, 1932 - 2011).

Para Freud, nem sempre é fácil distinguir a influência da função sexual à educação social, mas, ainda assim, atribui à feminilidade maior grau de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte do que amar. Considera que a inveja do pênis tem, em parte, como efeito a vaidade física das mulheres, vista como uma necessidade de valorizar seus encantos, como uma compensação por sua original inferioridade sexual. Acredita, ainda, que a vergonha, considerada uma característica feminina por excelência, traz como finalidade a ocultação da deficiência genital (Freud, 1932 - 2011).

Freud termina sua análise sobre a sexualidade feminina com a confissão: a de estar incompleta. Chega a sugerir que a poesia e a ciência futura pudessem decifrar a feminilidade (Freud, 1932 - 2011). Examina, minuciosamente, ao longo da construção de sua obra, o movimento da mulher de sua época e destaca a feminilidade para além dos sexos. Afirma que a construção da

feminilidade está num constante devir e transita livre entre uma postura passiva e ativa. Neste contexto Freud retrata uma mulher representante de seu tempo, uma paciente a qual se tornou psicanalista: Sabina Spielrein, transbordando feminilidade ativa, uma voz sensível nos primórdios do movimento psicanalista.

Da destruição ao devir – Esquecimento e (re) nascimento de Sabina Spielrein

Até o início do século XX, as mulheres articulavam-se nos limites da vida privada. Mal podiam estudar; se casadas, não podiam trabalhar nem circular desacompanhadas em espaços públicos. Passavam boa parte da vida cuidando da casa e dos filhos. Carreira, dinheiro e poder eram ambições exclusivamente masculinas. Mas esse lugar masculino sofreu um duro golpe entre dois eventos devastadores, as Guerras Mundiais. A mulher, que circulava exclusivamente pela vida privada, passou a ter lugar na vida pública.

Na Primeira grande Guerra, com a convocação dos homens para o *front* e o impressionante número de mortes na Europa, os espaços públicos ficaram vazios. As cidades não podiam parar, então recaiu sobre as mulheres a responsabilidade de assumirem esses espaços. Era emergente contar com a força de trabalho feminina. Neste contexto, muitos valores acabaram sendo deixados de lado, devido à necessidade da mão de obra feminina. Quando esses homens voltam para casa, as mulheres são “convidadas” a retornarem ao lar.

Esse quadro produziu uma mudança irreversível nas relações sociais e costumes e, sobretudo, o papel que a mulher desempenharia a partir daquele momento. Neste contexto se destaca uma figura representativa com o pioneirismo de sua época: Sabina Spielrein, uma mulher desbravadora, criativa e com a marca de uma feminilidade potente.

Vejamos a seguinte citação:

Num trabalho substancial e pleno de ideias, embora não inteiramente claro para mim, Sabina Spielrein antecipou boa parte dessa especulação. Ela caracteriza o componente sádico do instinto sexual como “destrutivo” (“Die Destruktionalen Ursachedes Werdens” [A destruição como causa do vir-a-ser], *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, v.4, 1912). (Freud, 1920 – 2011, v.14, p. 176).

O trecho acima (uma nota de rodapé) faz parte da obra *Além do princípio do prazer* de Freud (1920), é desta forma que, até a década de setenta, Sabina foi lembrada nos círculos psicanalíticos. Uma mera nota de rodapé que em nada expressa a riqueza e originalidade de sua obra, já que havia pensado o conceito de pulsão de morte nove anos antes de Freud publicar o termo.

Sabina Spielrein tem aparecido em obras culturais, filmes, peças teatrais e musicais que ressaltam sua importância como primeira paciente de psicanálise de Carl Gustav Jung. Mais tarde como sua amante e também teve seu papel no rompimento entre este e Freud. Sua criação como clínica inovadora, escritora e criadora de conceitos inéditos na psicanálise, aparece como um mero título de curiosidade (Cromberg, 2012).

A relevância de sua obra só foi conhecida através de Aldo Carotenuto, analista junguiano que, em 1977, publicou suas cartas a Jung e Freud, diários e documentação que estavam guardadas em uma caixa desde 1923 nos porões do Instituto de Psicologia da Universidade de Genebra (Cromberg, 2012). Sua obra, composta de 30 artigos, possui ao menos seis que se destacam como pioneiros: em 1911, *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (considerada a primeira tese universitária sobre psicanálise); em 1912: *A destruição como causa do devir* (onde postula o conceito pulsão de morte); também em 1912: *Contribuições para o conhecimento da psique infantil* (segundo artigo sobre psique infantil, a primeira foi de Freud sobre o pequeno Hans); em 1920, um trabalho pioneiro: *A origem das palavras infantis mamãe e papai*, sobre o problema da origem do desenvolvimento da linguagem; em 1923: *Algumas analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente* e *O tempo na vida psíquica subliminar* (Cromberg, 2012).

Quem é Sabina Spielrein

Sabina Nikolajevna Spielrien nasceu em Rostov, na Rússia, em 1885. Filha de um entomólogo e uma dona de casa com instrução universitária na área odontológica (uma das primeiras mulheres russas a fazê-lo) era a filha mais velha, seguida de três irmãos. A caçula morreu de tifo aos seis anos. Os pais proporcionaram aos filhos uma ampla educação, como o ensino de várias línguas e estudo de música (Cromberg, 2012).

Sabina queria estudar medicina, mas na Rússia, sendo judia e mulher, não era aceita nas instituições de ensino. Aos dezoito anos não pensava em se casar e não sabia que direção dar à sua vida, então entra num grave estado psicológico. Diagnosticada com histeria em 1905, foi internada no Instituto Burghölzli, em Zurique, dirigido por Eugene Bleuler (Cromberg, 2012). Fora indicada por Bleuler para tratamento com Jung, o qual durou dez meses, tornando-se sua primeira paciente em psicanálise. Após se tratar, ingressou na faculdade de Medicina (com indicação de Breuler) e em 1906 assumiu um lugar misto entre paciente e amiga de Jung tornando-se sua amante de 1908 até

1910, quando escreveu para Freud pedindo que interferisse na sua complexa situação com Jung (Cromberg, 2012).

Com a dissertação *O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*, finaliza a faculdade, em 1911. A tese foi publicada no mesmo ano no *Jubrbuch*¹ e é considerada a primeira tese universitária sobre psicanálise, também a primeira a ser defendida por uma mulher. Nesse mesmo ano viaja pra Viena após rompimento com Jung. Encontra-se com Freud e participa de reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena, sendo a segunda psicanalista a ser admitida no círculo freudiano. Em uma dessas reuniões apresenta seu texto *A destruição como causa do devir*, publicado em 1912 (Cromberg, 2010). Também em 1912, casou-se com um aristocrata russo e no ano seguinte nasceu sua primeira filha, o que acarretou sua mudança para Berlim. Nesse período, Freud pede que seus trabalhos sejam publicados apenas nas revistas da Associação Psicanalítica. Entre 1912 e 1920 publica *Contribuições ao conhecimento da psique infantil*, tendo uma carreira bem-sucedida como psicanalista, principalmente com crianças (Cromberg, 2010).

Depois de vagar alguns anos pela Europa, juntou-se a Piaget e Claparède em Genebra, em 1920. No mesmo ano compareceu ao VI Congresso de Haia, onde apresentou textos como *A gênese das palavras infantis Mamãe e Papai*, sobre o desenvolvimento da linguagem nas crianças, publicados posteriormente. Em 1922, no VII Congresso Psicanalítico Internacional de Berlim, Piaget apresentou o trabalho *O pensamento simbólico e o pensamento da criança* baseado em observações sobre a filha de Spielrein (Cromberg, 2010).

Em 1923 partiu de Berlim pra a recém-criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; e devido ao seu prestígio intelectual, recebeu tratamento distinto pelo partido através de Trotski. Foi convidada a dirigir o Jardim de Infância Psicanalítico, sendo assegurada uma cátedra na Universidade de Moscou, no Departamento de Psicologia Experimental para Crianças. Nasce sua segunda filha. Fundou, com Dimitrievith Ermakov e Moshe Wulff, a primeira Sociedade Psicanalítica na Rússia, a mais numerosa na época. Influenciou Vygotsky e Alexandre Luria (Cromberg, 2010).

A morte de Lênin e o endurecimento do regime resultaram na extinção do movimento psicanalítico, momento em que Spielrein voltou para sua cidade natal. Não podendo mais exercer psicanálise devido proibição pelo regime Stalinista, até meados de 1930, tornou-se professora de música em um jardim de infância e também apareceu na lista como membros da Sociedade Russa,

¹ Anuário de investigações psicanalíticas e psicopatológicas

em 1936. Quando as tropas de Hitler ocuparam Rostov, em 1942, Sabina, então com 56 anos, e suas filhas foram assassinadas por soldados nazistas (Cromberg, 2010).

Um olhar sobre a posição do feminino - A potência da feminilidade

O pensamento de Sabina Spielrien apresenta uma riqueza de ideias e associações teóricas as quais causam fascínio devido ao caráter intenso e inovador. Segundo o psicanalista José Raimundo Gomes, a descoberta do material produzido por ela está para além do movimento psicanalítico (sobretudo a psicanálise junguiana), assim como os achados do mar morto estão para a cultura judaico-cristã. O olhar impetuoso de Spielrein possibilitou uma produção psicanalítica única: através de sua sensibilidade, adentrou na alma humana e expôs elementos de dor e prazer, os quais a levaram a investigar as pulsões de morte. Ela parte de sua experiência com Jung, como paciente, amiga, amante e colega, para formular as suas teses de um modo peculiar.

Em suas investigações em *A destruição como causa do devir*, período em que vivia uma intensa relação com Jung, Sabina ressalta que o Eu, sentindo-se ameaçado pelo amor e sendo incapaz de se entregar, busca a destruição de si mesmo, devido ao componente destrutivo inerente nos impulsos sexuais, causando sofrimento para ambos (Coropreso, 2016).

Esse indivíduo sente prazer sádico em humilhar aquele que o ama, indo ao contraponto deste amor: depois que conquista perde o interesse, resultado de uma intensidade do componente destrutivo que, dirigido ao Eu, levaria à autocrítica. Essa mesma autodestruição é característica do masoquismo. Tais fenômenos do sadismo e do masoquismo explicam, de forma bem clara, a relação entre sexualidade e destrutividade (Coropreso, 2016).

A relação entre pulsão sexual e pulsão de morte também fica evidenciada com a intensa fixação parental. Durante as suas observações, Spielrein sustenta que o indivíduo ama aquele que se pareça com os próprios pais, sugerindo uma predestinação nas relações, uma vez que sempre busca-se pelas próprias origens, o que impediria o contato com o externo. Quando não bem resolvido, no caso de tal fixação ser mais forte que o saudável, o indivíduo pode se tornar um ser com fortes tendências ao fanatismo religioso, por exemplo, (Coropreso, 2016). Se o contrário acontece, o indivíduo se transforma, “o desejo de destruição mais evidente corresponde a um desejo mais intenso de devir” (Spielrein, 1912 - 2014, p. 259).

Ela transforma a entrega amorosa sexual e o feminino em problemas teóricos (Cromberg, 2012). Pensar o feminino por essa ótica ressalta a potência da feminilidade em sua obra, possibilitando expandir o feminino dentro do universo psicanalítico já nos seus primórdios.

Outra contribuição, sem precedentes, de Spielrein apareceu em *A sogra*, em que apresenta a importância da maternidade e da filiação para a constituição da feminilidade. Neste texto, destaca a capacidade da mulher de se identificar com o outro, um intenso caráter empático. Segundo a autora, o ser feminino tem a capacidade de se colocar profundamente no lugar do outro, chegando a objetivar sua própria existência na do outro. Assim, ela expressa sua preocupação e vivência da própria maternidade (Cromberg, 2012).

Sabina não pensou a maternidade como uma função social, mas como uma função humanizadora da constituição através da identificação com o outro. No que cerne do desejo de ter um filho do pai, colocou no feminino a capacidade psíquica de processar continuamente e de gerar novas criações, de forma autônoma, pelo poder de conviver e enriquecer a vivência com sua filha recém-nascida: a filha obra (Cromberg, 2012). Assim, Sabina entende sua obra como filha dela e de Jung, assim como a obra dele.

Portanto, Sabina Spielrein registra a capacidade da mulher de ser a escritora da própria vida, deixando de ser objeto de escrita do pai. Ela inscreveu a marca feminina no contexto de uma cultura.

Um legado jogado ao esquecimento

Os motivos que levaram ao esquecimento da autoria de Spielrein ainda é debate entre estudiosos. Segundo Holst & Tiellet Nunes (2012), sua imagem ficou estigmatizada devido a ela ter ficado no meio da batalha que marcou o rompimento entre Freud e Jung. Na disputa institucional entre Jung e Freud, Sabina seguiu os conselhos de Freud acerca dos países que deveria seguir, com o objetivo de promover a Psicanálise. Para autores freudianos, ela era considerada mística, para os junguianos, traidora (Holst & Tiellet Nunes, 2012).

Ainda de acordo com os autores citados, o motivo do esquecimento de sua obra se deu ao fato de suas suposições terem sido consideradas intuitivas, sem caráter experimental. O rótulo de mística foi aplicado à autora por essa ter valorizado sempre sua intuição na elaboração dos seus trabalhos. Enfim, as contribuições de Spielrein transpõem a barreira do tempo em que era relegada a notas de rodapé. Suas postulações sobre o amor, o feminino e sublimação marcaram seu pioneirismo, assim como seu interesse por questões que foram aprofundadas por outros autores, como a linguística, por exemplo, (Holst & Tiellet Nunes, 2012).

Sabina Spielrein deixou sua intuição falar em sua obra a partir de sua vivência, o que marcou, definitivamente, sua ousadia nos primórdios da psicanálise. A sensibilidade foi seu maior

legado. Suas experiências, como a internação e envolvimento com Jung, acarretaram em uma forma especial de se relacionar com o mundo.

Discussão

Na teoria clássica do desenvolvimento de Freud, o masculino ou feminino, ocorrem devido às posições ativo/passivo e fálico/castrado, que seriam a base da construção da identidade sexual. Articulando esses conceitos, ele expõe, em suas observações, que ativo e passivo são atividades inconscientes, portanto, mulheres e homens são passivos e ativos ao longo da vida.

Freud afirmou que relegar exclusivamente impulsos masoquistas às mulheres era um engano. A mulher de seu tempo reprimia os impulsos agressivos devido à pressão social. Segundo Afonso (2007), apesar da mulher estar mais predisposta, o masoquismo é um resquício de um conflito infantil mal elaborado, portanto, não seria do registro do feminino. Pamplona, Dias & Moreira (2012) ressaltam a subjetividade masoquista não apenas como o desejo de ser humilhado, ou de sentir dor, mas como uma lógica do desejo que deriva da impossibilidade de suportar o desamparo. E desamparo é da condição humana, não sendo essencialmente uma condição das mulheres.

Contemplar o desamparo do ser humano diante de todas as esferas com as quais ele interage, conforme Marquês (2007) é contemplar a impossibilidade de criar modelos perfeitos. Portanto, a feminilidade é inerente ao ser humano e não apenas ao ser feminino. O declínio do poder da paternidade, assim como a exclusão da feminilidade, não leva o ser à sublimação e completude tão desejadas (Marquês, 2007).

Sabina, tendo vivenciado a experiência do feminino e da feminilidade no contexto já exposto, traz uma sensibilidade na sua autoria que revela as marcas de uma mulher do seu tempo. A autora complementou os conceitos freudianos fundamentada na sua intuição, observando um movimento no funcionamento psíquico que resultou na elaboração da pulsão de auto conservação que Freud, mais tarde, chamou de pulsão de morte. Interpretou, de maneira diferente, a angústia do Eu que teme o seu aniquilamento (Coropreso, 2016). Com isso, propõe uma diferenciação entre uma psique da espécie e uma psique do Eu com tendências antagônicas. A psique da espécie teria uma tendência à dissolução e à assimilação (expressão psicológica da conservação da espécie), com tendências a englobar o conteúdo do Eu ao da espécie. A psique do Eu manifestaria uma tendência à diferenciação (expressão psicológica da pulsão de auto conservação), com tendências a manter a inércia do Eu (Spielrein, 1912 - 2014). A psique do Eu só pode desejar sentimentos de prazer, mas a

psique da espécie revela o que desejamos. Então, percebe-se que os desejos da espécie, que vivem dentro do ser humano, não correspondem nem um pouco aos desejos do Eu e que a psique da espécie quer assimilar em si a psique do Eu recente. Cada partícula do Eu possui a ambição de se autoconservar na forma presente, capacidade de preservação (Spielrein, 1912 - 2014).

Em linhas gerais, dentro da pulsão sexual, estaria inserida a pulsão de morte, porém, essa não visaria à aniquilação da vida ou à eliminação total da estimulação, como propôs Freud em 1920, mas tenderia à destruição do Eu ou a transformação do Eu em Nós (Coropreso, 2016). Assim ela entendia uma indissociabilidade entre destruição e criação, portanto, para haver uma transformação é preciso haver uma destruição, dessa forma não existe pulsão puramente negativa. Em trechos dos seus diários entre 1906/1907, Sabina mostra que formulou tais conceitos a partir de sua relação amorosa com Jung, destaca estar apaixonada por um homem que a humilha para se defender (Cromberg, 2012). Ela dissecou, na sua própria relação, a diferença fundamental no que se refere ao amor entre o homem e a mulher. O amor se mostra abominável, porque busca unicamente o encontro, mas a diferença sexual que cada gênero tem com o amor provoca um desencontro ameaçador. O que vem a ser oposição entre a força da inércia e a pulsão de transformação (Coropreso, 2016).

Outro destaque importante nas observações de Sabina refere-se à maternidade como uma humanizadora da constituição através da identificação com o outro (Cromberg, 2012). Nesse ponto, a autora destaca a potência do caráter empático no feminino, o que Freud chamou de superego frágil. Segundo Kehl (2007), um superego menos rígido pode ser uma condição para a formação de uma moral menos rígida, menos movida pelo sadismo inconsciente. Para Afonso (2007) a centralidade do materno como edificadora da feminilidade é um tema que tem sido discutido. Na obra psicanalítica clássica, aparecem assimilados os conceitos de feminino e materno. Assim, o desejo de gravidez e maternidade são sinônimos, o que tem sido negado na prática clínica. A gravidez e maternidade não são a mesma coisa, tal como não são o desejo de estar grávida e o desejo de ter um filho. Atentando ao conceito de maternidade, fica claro que materno e paterno são apenas categorias dentro das categorias maiores de masculino e feminino (Afonso, 2007).

Por fim, pontua-se que o olhar sensível de Sabina produziu possibilidades dentro da obra freudiana que se fazem atuais. Os desfechos que a autora remeteu aos conceitos clássicos de Freud reverberam em autores contemporâneos, ressaltando que Spielrein estava à frente de seu tempo.

Considerações finais

Quando Freud admitiu ter esgotado suas reflexões acerca da feminilidade, lança à ciência futura ou aos poetas a tarefa de seguirem trabalhando o tema. Sabina tratou de elucidar alguns fatos por ter vivenciado os desejos femininos com intensidade. Transforma, com maestria, suas experiências em elaborações teóricas desvelando uma experiência essencialmente humana.

Sabina deixou uma autoria rica e ousada, fundamentada na sua sensibilidade nos mais peculiares moldes da alma feminina. Observando a produção psicanalítica contemporânea sobre feminilidade, percebe-se que sua produção é universal. Seu empoderamento e coragem em transformar suas desventuras em material teórico fazem de sua obra um legado. Ela teve na sua jornada pessoal a inspiração para investigar novos conceitos.

Sabina vivia intensamente e transpunha isso em seus escritos. Ela postula a feminilidade como uma experiência do sensível. Logo, negar o sensível, o feminino, é uma maneira de o sujeito dar conta do seu desamparo. E Sabina se arriscava, encarava os percalços como vivências transformadoras.

A leitura que ela faz, do caráter empático da mulher, conquista quem tem contato com sua obra. Demonstra um enfoque potente na feminilidade, sem deixar de exalar delicadeza. Ela convoca uma feminilidade ativa inspiradora, a qual transforma a percepção da experiência do feminino.

Enfim, Spielrein mostrou ao mundo que a sublimação da mulher pode-se fazer através de sua obra e de seu infinito amor pela vida. Sabina foi uma mulher além de seu tempo, criadora, empoderada, dona de sua própria história, uma mulher de olhar pioneiro e atual. Ela traz o registro, a marca de feminilidade potente, que só uma mulher poderia revelar.

Referências

- Afonso, J. A. (2007). Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. *Análise Psicológica*, 25 (3), 331-342. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312007000300002&lng=pt&nrm=iso.
- Almeida, A. M. M. (2012). Feminilidade: caminho de subjetivação. *Estudos de Psicanálise*, 38, 29-44. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso.
- Coropreso, F. (2016). O instinto de morte segundo Sabina Spielrein. *Psicologia USP*, 27 (3), 414-419.
- Cromberg, R. U. (2012). A autoria de Sabina Spielrein. *Jornal de Psicanálise*, 45(82), 83-98.
- Cromberg, R. U. (2010). Primeiras psicanalistas. *Percurso* 45, 35-55.
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 6, pp. 135-141). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).

- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 14, pp. 120-178) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2011). A organização genital infantil. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 150-157). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011.) A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 182-192). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 257-271). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2010). Sobre a sexualidade feminina. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. 18, pp. 202-222). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1911). Feminilidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 77-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)
- Holst, B. Tiellet Nunes, M. L. (2012) Contribuições de Sabina Spielrein à psicanálise. *Barbarói*, 37, 138-153. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281380822_Contribuicoes_de_Sabina_Spielrein_a_psicanalise.
- Kehl, M. R. (2007). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- Marques, L. C. (2007). O conceito de feminilidade: uma outra leitura sobre o impasse freudiano diante do feminino. Em *Novas Elaboraões Psicanalíticas Sobre a Sexualidade Feminina a Partir do Declínio da Lógica Fálica – Edípica*. pp. 88-101 (Dissertação de Mestrado): Rio - Rio de Janeiro PUC – Rio. Rio de Janeiro - RJ: Departamento de Psicologia. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4829/4829_1.PDF
- Pamplona, C.; Dias, H M; Moreira, A C G. (2012) Desamparo e masoquismo na clínica com mulheres. *Reverso*, 34(64), 37-41. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000300005&lng=pt&nrm=iso.
- Spielrein, S. (2014). A destruição como origem do devir. In *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise – obras completas*. (R. U. Cromberg, Org., Vol. 1, pp. 227- 277). São Paulo, SP: Livros da Matriz. (Trabalho original publicado em 1912).